



Capuano

Operação do joelho ia custar US\$ 4 mil



Aroni

Cada dia mais conversões em dólar



Caruso

US\$ 800 pelo aluguel do apart hotel

Cartunista cobra em dólar há 20 anos

GLEISE DE CASTRO

O cartunista Paulo Caruso há muito está acostumado a conviver com o dólar como referência para o preço de seus trabalhos. Desde que começou a desenhar, 20 anos atrás, seus trabalhos são cotados em dólar, uma referência que adotou a partir de contatos com artistas brasileiros que voltavam da Europa e Estados Unidos. "Os editores lá fora pagavam US\$ 300 por desenho, e isso ficou como referência para mim, apesar de hoje o dólar não ser mais o mesmo", diz.

Uma ilustração em preto e branco ou uma vinheta com a assinatura de Paulo Caruso custa US\$ 300, na área editorial. Para publicidade, seus trabalhos, sempre cotados em dólar, saem mais caro. Mas a moeda que recebe ainda é o velho cruzeiro. "Todos pagam em cruzeiros chorados", diz Caruso. O aluguel do apart hotel em que morou até o começo do ano passado também era cotado na moeda americana — US\$ 800 por mês.

Roberto Capuano, presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis de São Paulo (Creci), quebrou a última barreira no mercado imobiliário que ainda não usava o dólar como cotação, o de imóveis em lançamento, com o anúncio, no ano passado, do condomínio Hyde Park, na Granja Viana, em São Paulo. "Fui o primeiro a anunciar um lançamento em dólar", diz. Mas levou um susto quando seu médico apresentou o preço de uma cirurgia no joelho: US\$ 4 mil. "Recebi um excelente tratamento de choque, porque sarei no dia seguinte e não precisei mais operar", ironiza.

Segundo a endocrinologista Zuleika Cozzi Halpern, a cotação de cirurgias em dólar tornou-se uma prática generalizada. "Não uso o dólar como referência para minhas consultas, mas é cada vez mais comum a cotação de cirurgias e partos na moeda americana, porque são valores altos e precisam de uma referência", afirma. Do momento em que são combinadas com os ci-

rurgias até a alta do hospital passam-se 20 a 30 dias e o preço muda, explica.

No dia a dia, Zuleika Halpern também costuma transformar em dólar o preço de roupas, calçados, raquetes de tênis e cosméticos, exibidos nas lojas, para saber se estão caros ou baratos. "Trata-se de uma referência para mim, como consumidora", diz.

O economista Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo, faz a mesma coisa, com produtos de valor unitário mais alto, como eletrodomésticos e automóveis. Também costuma usar o dólar para cotar seus trabalhos de consultoria. "Dado os altos valores de produtos, a cotação em dólar é sempre mais precisa", diz. "Não uso o dólar como referência para minhas consultas, mas é cada vez mais comum a cotação de cirurgias e partos na moeda americana, porque são valores altos e precisam de uma referência", afirma. Do momento em que são combinadas com os ci-